

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Journal do Brasil Class.: 338

Data 13 de abril de 1988 Pg.: capa



Índio vem ao Rio atrás de estágio em televisão

Se da tradição de usar a memória para perpetuar imagens e narrativas de seus povos até a adoção dos gravadores os índios brasileiros deram um salto sonoro milenar, da troca daquele aparelho pelo revolucionário vídeo o tempo gasto por eles pode ser reduzido a um simples passo, conforme prova o comportamento de um xavante e de um kamaiurá, que estão no Rio para aprimorar o manejo das câmeras, sonham com um aprendizado na televisão e chegaram mesmo a encenar a filmagem da manifestação estudantil de ontem, no Centro da cidade.

Precursor do emprego do gravador entre os índios brasileiros, ele próprio vítima do que a moderna sociedade pode fazer com seus produtos, sejam eles humanos ou eletrônicos, o cacique Juruna caiu no esquecimento dos brancos num espaço de tempo tão curto quanto o que fez nascer a nova geração indígena do vídeo. Evidenciando isso, no último domingo, Amanuá (Chuva Vermelha), um kamaiurá de 25 anos, atraiu cerca de 300 pessoas ao Museu do Índio, em Botafogo, ao exibir seu vídeo *Iamaricumã: ritual feminino do Alto Xingu*. Um feito que poucos cinemas do Rio alcançam hoje em dia.

Mas Amanuá não documenta no vídeo apenas as festas do seu povo. Tornou-se conhecido entre outros índios e agora é chamado a diversas partes do Brasil para registrar conflitos de terra envolvendo invasores brancos e os habitantes das reservas indígenas. No ano passado, ele esteve entre os macuxi de Roraima, onde rodou cinco fitas sobre os problemas enfrentados pela aldeia. Nos próximos dias, irá ao Xingu, para gravar o encontro de xavantes e kamaiurás.

“Na minha aldeia, em outros tempos, os costumes, as lendas, os fatos eram passados dos velhos para os jovens, principalmente por meio da palavra. Tudo era arquivado na memória. O gravador veio ajudar a perpetuar isso e o vídeo completa o trabalho, por meio da imagem”, diz Amanuá. Ele confirma que as imagens têm grande importância entre os índios, que, ao longo dos séculos, sempre se expressaram também por meio de desenhos, da pintura de objetos e do corpo, usando ao mesmo tempo os traços e as cores.

O kamaiurá, que chegou a morar e a estudar no Rio, vive no Xingu, de onde se ausenta apenas para exercer seu papel de produtor de documentários ou exibi-los. O jenipapo — “que leva um mês para sumir do corpo” —, o urucum e o óleo de piqui são alguns dos frutos e plantas empregados pelos índios na pintura do corpo e que dão um colorido especial aos ambientes de festas e — em situações mais remotas — às cenas de guerra.

Amanuá aprendeu a usar o vídeo no ano passado, mas acha que precisa aperfeiçoar seus conhecimentos sobre o assunto. Tanto que obteve a promessa da diretora do Museu do Índio do Rio, Cláudia Menezes, de conseguir visitar empresas de televisão e acompanhar algumas filmagens.

Se Amanuá ou Chuva Vermelha, significado de seu nome entre os kamaiurá, já transformou em realidade o seu sonho de virar operador de vídeo, outro índio Uné (Pau-Brasil), 21, xavante de Sangradouro, Mato Grosso do Sul, não vê o momento de segurar uma filmadora “e seguir o mesmo trilho do amigo kamaiurá”.

Depois do gravador — que marcou a aparição de Juruna —, o vídeo é a nova mania do indígena brasileiro. (Página 6-b)